



Divulgação científica no Caderno Ciência da *Folha de S. Paulo*: sentidos e memória na pesquisa sobre a prevenção da Aids.¹

Evane CECILIO²

Luciana Cristina F. DIAS³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, PR

Resumo

Sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, este trabalho visa refletir sobre as relações entre o discurso científico e o jornalístico, o que se relaciona à produção de um novo discurso, o discurso de divulgação científica. Tomamos, assim, como *corpus* a reportagem “Algas podem gerar nova droga anti-HIV”, publicada no Caderno Ciência do Jornal *Folha de S. Paulo* e a partir de conceitos inerentes a Análise de Discurso, buscar compreender como é construído ou formulado esse novo discurso.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Divulgação científica; Jornalismo Científico

Introdução

Como objetivo primeiro deste trabalho, buscaremos compreender como são construídos os discursos de divulgação científica, sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, analisando a reportagem “Algas podem gerar nova droga anti-HIV”, publicada no caderno Ciência, do Jornal *Folha de S. Paulo*.

Nosso interesse pelas questões que permeiam o Jornalismo Científico se deve ao fato da grande importância da Ciência e Tecnologia (C&T) no cotidiano da sociedade, que, muitas vezes, não tem o devido conhecimento de muitas discussões pertinentes ao campo científico, por considerá-lo distante e inacessível.

Este trabalho pretende então analisar como a área de C&T é divulgada, a partir do Jornal *Folha de S. Paulo*, dando ênfase, no trabalho analítico, à passagem do discurso científico para o jornalístico. Neste sentido, nos interessa entender como este novo discurso é formulado, tendo-se em vista uma imagem de um público leigo neste campo de conhecimento, ou seja, o discurso da divulgação científica projeta a imagem de um sujeito-leitor para o qual uma facilitação do tema é mobilizada a fim de que ele possa compreender temas tidos comumente como complexos.

¹Trabalho apresentado no IJ 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

²Estudante de Graduação. 3º ano do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UNICENTRO, email: vanycecilio@hotmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Letras da UNICENTRO, email: diaslucian@yahoo.com



Tomaremos, assim, conceitos como o interdiscurso (memória), formações imaginárias e heterogeneidade discursiva para a análise discursiva da reportagem. Dessa forma, o estudo propõe-se a contribuir com discussões em torno do Jornalismo Científico de modo a compreendê-lo como prática de transferência de sentidos e a publicização do saber científico. Ou nas palavras de Orlandi (2001, p. 151) acreditamos que “o discurso de divulgação científica é textualização jornalística do discurso científico”.

Neste sentido, a importância desta discussão está ligada ao fato de que descobertas científicas no campo da saúde, a partir do trabalho do Jornalismo Científico, são colocadas em cena no texto e contextualizadas para uma sociedade que necessita de novas informações, a partir de um gesto no qual o jornalista trabalha numa região de fronteiras.

Apontamentos teóricos

Em primeiro lugar é importante ressaltar que o discurso de divulgação científica não é puramente um discurso científico nem tampouco estritamente jornalístico. Dentro deste aspecto, Oliveira (2007) nos mostra alguns pontos de divergência entre o campo jornalístico e o científico:

Enquanto o cientista produz trabalhos dirigidos para um grupo de leitores, específico, restrito e especializado, o jornalista almeja atingir o grande público. A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. A produção de um trabalho científico é resultado não raro de anos de investigação. A jornalística rápida e efêmera. (OLIVEIRA, 2007, p.43)

Embora as diferenças existam, o discurso de divulgação científica tomado como um discurso outro, por meio de diversas formas, tratará de formular um discurso que segundo Authier-Revuz apud Guimarães (2003) é constituído por três lugares, que são o lugar da Ciência, onde se situam os próprios cientistas, o segundo que diz respeito ao público-leitor e o terceiro onde está o divulgador, mediador ou intermediário que colocará em contato os dois lugares anteriores.

Sendo assim, alguns conceitos da Análise de Discurso de linha francesa nos auxiliarão na melhor compreensão sobre a formulação desse discurso outro. Partimos,



então, da conceituação de interdiscurso ou memória discursiva, na medida em que é válido dizer, nas palavras de Orlandi (1999):

[...] o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 1999, p. 31)

O interdiscurso é também visto por Orlandi (2004) como espaços discursivos estabilizados que repousam em seu funcionamento interno sobre uma proibição de interpretação, de modo que neste espaço ocorre a estabilidade que resulta na interdição à interpretação e isto o que é logicamente representável como um conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas. Sendo estas atravessadas por uma série de equívocos, como as leis, o rigor, a ordem, os princípios que cobrem o domínio das ciências, nesse caso, ocorrem vários domínios, que têm diferentes regimes de atualizações da relação entre verdadeiro e falso.

Portanto, o interdiscurso é tomado como uma exterioridade constitutiva, isto é, a memória, um já-dito anterior à existência de qualquer dizer. Assim:

Na Análise de Discurso, o interdiscurso é a memória do dizer, o saber discursivo, a filiação de sentidos. Há coisas que fazem sentido e há as que não fazem. O cientista está submetido à memória de seu saber. O que tem de ser atingido é justamente essa relação com o interdiscurso, com a memória para poder significar outra coisa. Transformar-se, desenvolver-se. Transferir: produzir novas versões, efeitos metafóricos, deslizamentos de sentidos, que permitam o avanço científico. [...] Deslocamentos na memória, trabalho no espaço de interpretação, mesmo no discurso científico. (ORLANDI, 2004, p.139-40)

Partindo para o conceito de formações imaginárias, Orlandi (1999) diz que os discursos são constituídos pelas condições de produção que determinarão as relações de sentido, onde um discurso se relaciona com outros, então “[...] um discurso aponta para outros que os sustentam, assim como para dizeres futuros.” (ORLANDI, 1999, p.39). O que se percebe é um processo contínuo do discurso que sempre vai resultar de discursos anteriores e também apontará para discursos futuros, não há um começo absoluto, nem um final.

São as formações imaginárias que produzirão o efeito da antecipação pelo qual o sujeito experimenta, ou seja, coloca-se no lugar de seu interlocutor, antecipando assim o



sentido que as palavras produzem. Então, o sujeito conduzirá o discurso de um modo ou de outro, conforme o efeito que pretende produzir em seu ouvinte, ou seja, ele estabelece estratégias de argumentação segundo uma projeção que ele mesmo faz de seu interlocutor.

Ainda nas formações imaginárias, temos a relação de forças, pela qual o discurso será produzido, segundo o lugar de onde fala o locutor. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que fazem valer na comunicação.” (ORLANDI, 1999, p.41)

A heterogeneidade discursiva, por sua vez, não tratará este locutor como único, mas produtor de inúmeras formas linguisticamente detectáveis se analisadas ao nível da frase ou do discurso e em sua linearidade se inscreve o outro.

É aí que encontramos o discurso relatado, ou seja, as formas sintáticas do discurso indireto que designam de maneira unívoca no plano da frase, um outro de enunciação. Assim, temos:

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo - ou o espaço – claramente recortado, da citação na frase; o locutor se apresenta como simples ‘porta-voz’. Sob essas duas modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12)

Ainda temos na heterogeneidade discursiva o discurso indireto livre, uma forma discursiva em que há a estrutura enunciativa e também a presença do outro, porém trata-se de uma forma que não é explicitada por marcas no texto. “Esse modo de ‘um jogo com o outro’ no discurso opera no espaço do não-explicito, do ‘semi-desvelado’, do ‘sugerido’, mais do que do mostrado e do dito.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.19)

Análise do corpus

O caderno Ciência do Jornal *Folha de S. Paulo* apresenta temáticas variadas na área de Ciência & Tecnologia, desde temas mais cotidianos à astronomia. Após a seleção de reportagens dentro dessas temáticas, escolhemos “Algas podem gerar nova droga anti-HIV” para análise. Neste texto são apresentados resultados de uma pesquisa, envolvendo pesquisadores brasileiros, da Fiocruz e Instituto Oswaldo Cruz e apoio da FAP (Fundação Atauilpho de Paiva) e da UFF (Universidade Federal Fluminense). A



pesquisa diz respeito a “[...]descoberta de três substâncias oriundas de algas marinhas, que poderão ser utilizadas na fabricação de medicamentos para a prevenção e controle da infecção pelo vírus da Aids.” (Jornal *Folha de S. Paulo*).

Para dar conta da análise, mobilizamos os conceitos de interdiscurso ou memória discursiva, heterogeneidade discursiva e formações imaginárias, conceitos estes que nos auxiliarão na reflexão em torno do discurso de divulgação científica, formulado a partir do entremeio, no espaço lacunar do discurso científico e do discurso jornalístico. Assim, buscaremos compreender essa passagem ou formulação desse novo discurso que resultará em uma maior acessibilidade aos leitores leigos.

Partiremos, então, de uma visão pela qual para a Análise de Discurso é fundamental considerar as condições de produção e a memória mobilizada para a produção dos sentidos no texto, a partir da imagem de um leitor para o qual a divulgação é “formulada”.

Dessa forma, a heterogeneidade discursiva se apresenta como um mecanismo presente em toda reportagem, ora como discurso direto, ora como discurso indireto. O jornalista faz uso do discurso indireto quando ocupa a voz do outro para expressar algo. Como nos coloca Authier-Revuz (2004) quando conceitua o discurso indireto sendo aquele pelo qual o locutor se comporta como um tradutor, ou seja, ele fará uso das suas palavras para remeter a outro como fonte do que ele próprio relata.

Podemos perceber no recorte a seguir a presença do discurso indireto na reportagem. “Pesquisadores brasileiros ‘anunciaram’ ontem a descoberta de três substâncias oriundas de algas marinhas que poderão ser utilizadas na fabricação de medicamentos para a prevenção e o controle da infecção pelo vírus da AIDS.”

O jornalista faz uso do verbo *anunciaram* para remeter às pesquisas realizadas pelos pesquisadores brasileiros. O que se percebe é um discurso no qual as palavras dos pesquisadores são tomadas pelo sujeito-locutor que as utiliza como fonte de sentido para reproduzir a objetividade jornalística, assim como, a objetividade científica.

Em outro recorte é citado o imunologista Luiz Roberto Castello Branco, como autoridade dentro da pesquisa. “O imunologista Luiz Roberto Castello Branco, da Fiocruz, disse que os resultados dos testes preliminares foram muito promissores” temos, neste recorte, o discurso indireto que é produzido pelo pesquisador e relatado pelo jornalista. Através do discurso e perspectivas de enunciação de autoridades, o locutor considera-se dono desse discurso. O que acontece é um movimento da heterogeneidade discursiva e um cruzamento de discursos.



Ainda dentro do mecanismo da heterogeneidade discursiva, analisamos o discurso direto que está presente nas citações de autoridade dos pesquisadores, como apresentamos nos fragmentos a seguir. “Ainda não conseguimos encontrar a dose letal, disse a pesquisadora Isabel Paixão, da UFF. Algumas das algas são até comestíveis.” Neste caso, o jornalista atua apenas como um porta-voz e dá lugar ao discurso do outro em seu próprio discurso.

Na relação discursiva entre o autor com seu público leitor, temos também as formações imaginárias que se constituem a partir das reflexões sobre as pesquisas, os pesquisadores e o próprio gesto de divulgação científica. É principalmente aí que se instauram os mecanismos de funcionamento do discurso de divulgação científica pelos quais são produzidas as imagens do sujeito-jornalista, a partir de suas escolhas temáticas, o uso da linguagem e a prática discursiva, as imagens do leitor, uma vez que o jornalista tem como horizonte um dado leitor de seu discurso, além da imagem do referente discursivo.

São as formações imaginárias que nos permitem entender a noção de discurso como efeito de sentidos entre locutores. Neste caso, o sentido não está nas palavras, ou seja, os sentidos não são óbvios ou evidentes, mas são determinados pelas condições de produção que colocam em cena sujeitos, a história e a memória do dizer. Como Orlandi (2001) nos coloca quando conceitua o discurso “[...] definido em sua materialidade simbólica é ‘efeito de sentido entre locutores’, trazendo em si marcas da articulação da língua com a história para significar”. (ORLANDI, 2001, p.63).

O efeito de antecipação como um mecanismo das formações imaginárias nos ajudará a compreender como são feitas as escolhas pelo sujeito-enunciador para aproximar sua enunciação do interlocutor, como percebemos no trecho a seguir, “No total, foram analisados 22 compostos naturais obtidos a partir de algas encontradas no litoral brasileiro. As três substâncias selecionadas apresentaram eficácia contra o vírus e baixa toxicidade.”

Em momento algum, o jornalista cita os nomes dos compostos, apenas coloca em evidência no texto “22 compostos naturais”, “três substâncias” e “o vírus”. Ele aproxima a divulgação científica do leitor que não tem conhecimento do universo científico, o que se relaciona a uma imagem de leitor que desconhece o jargão de uma dada área ou a taxonomia - passando pelos nomes científicos- de certas plantas ou substâncias naturais. Neste caso, é relevante considerar que:



É pois um todo um jogo imaginário que reside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. (ORLANDI, 1999, p.40)

Dessa forma, entendemos por que o jornalista como sujeito-enunciador desse discurso faz uso de palavras que simplificam termos científicos ou silencia no espaço do dizer nomes ou classificações desconhecidos pelos leitores leigos. A produção de um efeito-leitor se relaciona à produção de uma representação de interlocutor que não tem conhecimento científico suficiente para entender os nomes científicos e informações mais técnicas. Conseqüentemente, o sujeito-jornalista, faz uso, então, de termos mais próximos do leitor, onde se instaura também o uso da metalinguagem, um recurso utilizado para familiarizar esse interlocutor com os estudos da ciência. Com efeito, o sujeito produz seu discurso a partir da reflexão: Quem sou eu para lhe falar assim? E quem é ele para que e eu fale assim? E “Nessa relação discursiva são as imagens que constituem as diferentes posições.” (ORLANDI, 1999, p.40)

São essas posições que determinam outro mecanismo importante dentro das formações imaginárias, são as relações de força que determinarão a posição hierárquica de onde o discurso será produzido, conforme o lugar de onde fala o locutor. “Como nossa sociedade é constituída por relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares que fazem valer na comunicação.” (ORLANDI, 1999, p.41)

Os trechos a seguir, retirados da reportagem em análise, vão colocar em cena essa relação. “Os pesquisadores dizem...”; “Pesquisadores brasileiros anunciaram...”; “Objetivo inicial dos cientistas...”. A presença dos substantivos *pesquisadores* e *cientistas* aparecem, sustentando uma representação de verdade ao texto, uma vez que tais enunciadores são tidos como a voz de autoridades.

Ora, se a divulgação trata-se da divulgação de um novo medicamento que é produzido através de pesquisas realizadas por institutos e universidades, neste caso temos marcado no texto como as relações de poder são configuradas na sociedade: o poder hierarquizado de quem fez uma descoberta precisa ser formulado para que se produza o efeito-verdade, a partir da voz autorizada de pesquisadores de renomes no assunto em referência. Como o sujeito jornalista, enunciando de seu lugar discursivo, não seria o bastante para produzir esse discurso, ele então faz ecoar em seu texto os discursos proferidos pelos cientistas e pesquisadores para não somente produzir um efeito da importância da divulgação científica, como também institui um lugar para o



jornalismo como prática que também informa a respeito da ciência. Nesse caso, o jornalista entra na relação de forças apenas como um mediador entre o discurso científico dito pelo pesquisador e o leitor, (trans)formando assim o discurso científico e o discurso jornalístico em discurso de divulgação científica.

Ainda em se tratando das formações imaginárias, temos as relações de sentido, onde um discurso se relaciona com outros, e estes sempre resultarão dos discursos já-ditos, apontando também para discursos futuros. Nos discursos de divulgação científica, temos a presença de discursos em que um estará citando outro, como podemos perceber nos recortes a seguir. “[...] anunciaram ontem a descoberta... poderão ser utilizadas”, “testes preliminares”, são discursos que se referem a pesquisas anteriores e ao que ainda precisará ser desenvolvido para o aprimoramento da pesquisa.

Uma vez que a ciência sempre se ocupará do já *produzido*, ou seja, *do já-dito* para a realização de novas e outras pesquisas e pensando no que será estudado posteriormente, o próprio funcionamento (condições de produção) da ciência está materializado no texto de divulgação científica: um texto que dialoga com outros já ditos e que aponta para novas discursividades. Então, o que se percebe é que essas relações de sentido estão presentes não só na divulgação dessas descobertas, mas também na forma como a ciência vai produzindo saberes, como vemos nos fragmentos a seguir. “Seus primeiros resultados foram revelados pela FOLHA em janeiro de 2007”; a descoberta do medicamento já é uma fase de um processo em andamento. Em outro fragmento ainda temos “Além dos testes clínicos, eles precisam desenvolver...”, o estudo ainda está sendo feito e aponta para estudos posteriores a serem desenvolvidos.

O interdiscurso emerge como um importante conceito a ser também mobilizado como categoria de análise da reportagem. Segundo Fernandes (2007), o interdiscurso caracteriza-se como um entrelaçamento de vários discursos, provenientes de diferentes momentos na história e lugares sociais. E Orlandi (1999) conceitua relacionando com a memória discursiva, sendo definido como algo que foi falado antes, ou em outro lugar. Então temos,

[...] o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.



Na reportagem sob análise observa-se a memória discursiva ou interdiscurso, quando o jornalista formula sobre a questão da promiscuidade dos maridos: “[...] muitas são contaminadas por maridos promíscuos que não aceitam o uso do preservativo. Com o microbicida, elas terão mais autonomia para se proteger”. O locutor convoca já-ditos, como a inferioridade ou submissão feminina no relacionamento, no qual a representação de mulher está associada à falta de autonomia, isto é, a mulher é tida como refém dos mandos e desmandos do marido. Tendo em mira a autonomia da mulher, este medicamento segue a direção dos discursos que reforçam as conquistas que as mulheres vêm alcançando por meio de muitas lutas. O medicamento preventivo também representa parte desta luta, além do que dará mais autonomia à mulher.

Outra questão colocada em jogo é o uso do preservativo como meio de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, o que se relaciona a redes de sentidos já formulados, em outras condições de produção, isto é, os pré-construídos inscritos na memória discursiva sobre a transmissão da Aids e a necessidade do uso do preservativo e outras formas de proteção.

Em outro trecho temos “Os testes clínicos serão realizados no Brasil, e principalmente, na África, em países com alto índice de infecção.” Neste caso, há no texto um retorno de dizeres alojados na memória, que significam os países subdesenvolvidos com espaços sem o mínimo de saneamento básico e políticas públicas na área da saúde, o que está atrelado a esse alto índice de infecção. Além disso, a falta de estrutura que significa tais países também pode fazer voltar sentidos cristalizados na memória tais como “o sexo ainda como tabu nesses locais”, “o patriarcalismo”, no qual o marido promíscuo rejeita o uso do preservativo, resiste como prática histórica e ideológica em países pouco desenvolvidos.

Considerações Finais

A partir do proposto, nosso objetivo primeiro foi o de compreender como é construído o discurso de divulgação científica, a partir do entrelaçamento entre o fazer-jornalístico e o lugar da ciência, foi alcançado. Os conceitos inerentes a AD nos auxiliaram nesta compreensão, que se deu através da análise de fragmentos da reportagem.

Essa construção ou formulação do discurso de divulgação científica parte de um sujeito que escreve, tendo em vista um interlocutor leigo em termos mais técnicos e ligados a pesquisas científicas, desconhecidos do cotidiano desse sujeito-leitor.



A partir disso, percebemos um lugar social do Jornalismo Científico, que produzirá, justamente, essa ligação do público leigo com temas relacionados à Ciência e Tecnologia, que muitas vezes permeiam seu dia-a-dia, mas, por se tratar de termos mais específicos, distanciam este leitor de uma apropriação dos sentidos. Dessa forma, faz-se necessária essa formulação como vimos por meio dos conceitos empregados na análise.

Os recortes analisados mostraram uma forte presença do discurso relatado, mecanismo inerente à heterogeneidade discursiva, que colocará em cena a preocupação do jornalista em transmitir a descoberta com fidelidade, utilizando a voz de autoridade dos pesquisadores e cientistas para reforçar o valor e a legitimidade da pesquisa.

A memória discursiva ou interdiscurso nos permitiram remeter o texto jornalístico a todo um já-dito, ou seja, a discursos outros que constituem sentidos sócio-históricos sobre a luta contra a AIDS. Na questão da prevenção contra o HIV, destacamos os discursos referentes à inferioridade da mulher e também a busca por independência feminina referentes a soluções para a mulher se proteger, sem precisar submeter-se a não aceitação do uso de preservativo por parte de seu parceiro. Aspectos dos países com maior índice de infestação do vírus, também, mobilizaram memórias discursivas relacionadas à pobreza e à falta de infraestrutura desses países. A inscrição histórica dos sentidos na/da reportagem sustenta-se no pré-construído de que a falta de estrutura produz a propagação da doença.

As formações imaginárias, por sua vez, colocaram em evidência a busca, por parte do sujeito-jornalista, de apresentar um tema que está muito presente na sociedade, a AIDS, sua necessidade de prevenção e controle. Para isso, o jornalista, na condição de enunciador, constrói seu texto a partir de um intrincado jogo de imagens. A fim de identificar o interlocutor de seu discurso, o sujeito-jornalista então fará uso da metalinguagem, simplificando o entendimento de termos mais complexos. Também, as relações de sentido (entre o texto e outras pesquisas já realizadas e futuros achados) produzem o efeito de garantir ao texto uma sequência (coesa, coerente) no tocante ao desenvolvimento da pesquisa, mecanismo discursivo que visa a garantir uma melhor compreensão do leitor.

Podemos perceber que a formulação do discurso de divulgação científica passa por uma série de mobilizações feitas pelo produtor do discurso, que terá sempre, em primeiro plano, produzir um texto no qual há uma ilusão de produção da verdade: isso se reflete no gesto de tentar (re)formular, de forma adequada, conhecimentos específicos que precisam chegar ao conhecimento do leitor-leigo em ciência.



Do ponto de vista da Análise do discurso, podemos dizer que não podemos conceber o texto da divulgação científica como evidente e fechado. É preciso que o leitor mobilize a memória de ciência ou mesmo do saber (conhecimento divulgado) para que o texto faça sentido. Também, os sentidos não estão somente no gesto de informar os dados de uma pesquisa, mas são determinados pela história e pelas condições de produção de um texto que é ciência e (também) divulgação no espaço do jornal. Nesta passagem, o discurso da divulgação científica presta-se a uma prática de socialização do saber, que não precisa ficar preso aos institutos de pesquisa, mas que pode e deve sim circular pela sociedade.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade:** um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso:** Reflexões introdutórias. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

GUIMARÃES, E. (org.) **Produção e Circulação do Conhecimento:** Política, Ciência e Divulgação. Campinas: Pontes Editores, 2003.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2007.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 3ª ed. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Interpretação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MENCHEN, Denise. Algas podem gerar nova droga anti-HIV. **Jornal Folha de S. Paulo.** São Paulo, p. A 18, 30 de ago. de 2008.